

Recordando o velho Aliado de 1386¹



João Carlos Espada

Diretor do Instituto de Estudos
Políticos da Universidade Católica Portuguesa,
Lisboa.

espadajc@gmail.com

O sentido de Civilidade sustenta a tradição britânica de liberdade sob a lei — e reúne admiradores com diferentes, por vezes opostas, disposições políticas.

Na sexta-feira 10 de Maio, tive o grato privilégio de receber do Embaixador do Reino Unido em Lisboa, HE Christopher Sainty, uma muito honrosa distinção atribuída pela Coroa britânica. Tratando-se de um tema que tem alguma dimensão pessoal, hesitei bastante antes de decidir abordá-lo aqui. Mas existe uma dimensão mais vasta e mais funda que não posso, em consciência, deixar de referir. Trata-se de recordar aquilo que o Reino Unido tem representado na história política europeia e mundial.

Este tema tem sido por vezes obscurecido pela recente novela do “Brexit” — embora deva ser reconhecido que a hostilidade anti-britânica no continente europeu, e sobretudo em Portugal, tem sido até agora relativamente moderada. Em contrapartida, na nossa cultura política nacional, receio ter existido e continuar a existir uma certa ambivalência em relação à nossa “relação especial” com o Reino Unido — uma relação que está na base da mais

¹ Artigo publicado no jornal **Observador**, Lisboa, 13-05-2019.

antiga aliança bilateral do mundo, consagrada no Tratado de Windsor de 1386.

Não se trata de ocultar ou de esquecer as tensões que a aliança luso-britânica certamente atravessou. Todas as relações enfrentam momentos menos felizes. Não seria de esperar que esses momentos não existissem numa relação com mais de 600 anos. O que é notável é que a aliança luso-britânica tenha sobrevivido durante tantos séculos, apesar das expectáveis tensões e momentos menos felizes.

Uma primeira incontornável dimensão da aliança luso-britânica reside na natureza marítima dos dois países. Não é aqui possível resumir a imensa literatura existente sobre as diferenças entre culturas políticas marítimas e continentais. Mas vale a pena recordar que Karl Popper, na seu marcante livro de 1945 sobre ***A Sociedade Aberta e os seus inimigos***, associou a democracia comercial ateniense de século V a.C. ao seu carácter marítimo — e a ditadura colectivista de Esparta ao seu carácter continental.

Este tema era caro a Winston Churchill, que tinha uma visão algo romanceada da história britânica — o que terá sido um factor decisivo para se opor à aliança nazi-comunista emergente na década de 1930 e finalmente selada em 1939. Na verdade e em rigor, na década de 1930, qualquer simples cálculo racional apontava para que a oposição à aliança nazi-comunista estivesse destinada ao fracasso. Mas Churchill apelou à resistência com base em argumentos sobretudo morais. Num célebre discurso a 9 de Maio de 1938, ainda antes do início da II Guerra, disse Churchill:

“Não temos nós uma ideologia — se tivermos de usar essa horrível palavra, ideologia, — não temos nós uma ideologia própria na liberdade, numa Constituição liberal, na democracia e no governo parlamentar, na Magna Carta e na Petição de Direitos?”

Churchill entendia a história britânica na tradição *Whig* que o grande historiador Lord Macaulay tinha consagrado: a história de uma distintiva defesa da

liberdade e de uma evolução gradual, alérgica a revoluções e contra-revoluções. Na resistência inglesa à Invencível Armada, a Luís XIV, a Napoleão, ao Kaiser, a Hitler e a Staline, Churchill via uma linha de continuidade na defesa da liberdade ordeira britânica.

Mas é importante recordar que Churchill não via essa tradição da liberdade britânica como exterior à tradição europeia, muito menos como oposta a ela. Pelo contrário, Churchill sempre entendeu a cultura política inglesa como parte integrante da civilização europeia e ocidental, fundada nos princípios da liberdade e responsabilidade pessoal, e enraizada em Atenas, Roma e Jerusalém.

Churchill simplesmente acreditava na especificidade da contribuição britânica, bem como dos povos de língua inglesa, para a civilização europeia e ocidental. Quando, a 6 de Setembro de 1943, recebeu um doutoramento honorário da Universidade de Harvard, Churchill descreveu essa especificidade dos povos de língua inglesa de forma particularmente tocante:

“A lei, a língua, a literatura — estes são factores consideráveis. Concepções comuns sobre o que é certo e decente, uma preocupação marcante com *fair play*, especialmente em relação aos fracos e aos pobres, um forte sentimento de justiça imparcial, e acima de tudo o amor pela liberdade pessoal. [...] Se estivermos juntos, nada é impossível. Se estivermos divididos, tudo irá fracassar. É por isso que eu defendo continuamente a doutrina da associação fraternal dos nossos dois povos... pelo serviço à humanidade e pela honra que advém àqueles que servem grandes causas.”

Esta ideia de relação especial anglo-americana e euro-atlântica esteve na base da criação da NATO — cujo 70º aniversário celebramos este ano, e celebraremos na próxima [27ª edição do Estoril Political Forum](#), com a presença de Randolph Churchill, bisneto de Sir Winston.

Mas estes valores ficaram inesquecivelmente evidenciados num pequeníssimo episódio do ano 1940

(quando Churchill foi nomeado primeiro-ministro, a 10 de Maio, e passou a liderar a resistência britânica e europeia ao nazismo). Nos Arquivos Churchill, em Cambridge, existe uma única carta a ele dirigida por sua mulher, Clementine, em todo o ano de 1940. Nessa carta, Clementine critica-o pela “deterioração das maneiras no tratamento dos secretários privados”.

É quase inacreditável que, num momento tão dramático e perigoso na vida da nação, a mulher do primeiro-ministro britânico lhe tenha escrito uma única carta para... o criticar por não ser suficientemente educado com os seus secretários. Mas é factualmente verdade e pode ser comprovado nos Arquivos.

É um pequeníssimo episódio que nos ensina uma grande lição sobre aquilo que Lord Macaulay chamava de *Civility*, ou a complexa associação entre **liberdade e sentido de dever**. Foi este sentido de **Civilidade** da cultura política britânica e dos povos de língua inglesa que eu fui ensinado a admirar, desde criança, em casa de meus pais e de minhas avós — sem que esse privilégio tivesse requerido qualquer mérito da minha parte.